



## Artelogie

Recherche sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique latine

16 | 2021

Fotografía y migraciones, siglos XIX-XXI.

---

# Entre a família e a comunidade: uma análise comparativa das sociabilidades de imigrantes e descendentes de italianos e poloneses por meio da fotografia de grupo no Paraná, Brasil.

Fábio Augusto Scarpim

---



### Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/artelogie/9450>

DOI: 10.4000/artelogie.9450

ISSN: 2115-6395

### Publisher

Association ESCAL

### Electronic reference

Fábio Augusto Scarpim, "Entre a família e a comunidade: uma análise comparativa das sociabilidades de imigrantes e descendentes de italianos e poloneses por meio da fotografia de grupo no Paraná, Brasil.", *Artelogie* [Online], 16 | 2021, Online since 28 January 2021, connection on 30 January 2021.

URL: <http://journals.openedition.org/artelogie/9450> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/artelogie.9450>

---

This text was automatically generated on 30 January 2021.

Association ESCAL

---

# Entre a família e a comunidade: uma análise comparativa das sociabilidades de imigrantes e descendentes de italianos e poloneses por meio da fotografia de grupo no Paraná, Brasil.

Fábio Augusto Scarpim

---

## Introdução

- 1 O tema da imigração no Brasil, de longa data, têm sido objeto de investigação por parte de diferentes pesquisadores: historiadores, sociólogos, antropólogos, demógrafos, cientistas políticos, teólogos, arquitetos entre outros. Aparentemente parece ser um campo de estudos já saturado de pesquisas. Entretanto, olhando mais de perto a produção historiográfica, percebe-se que muitos aspectos ainda foram pouco explorados e grandes conjuntos documentais ainda permanecem intocados. Um deles é aquele que tem como foco de investigação a fotografia. Muitos são os trabalhos que fazem uso da fotografia, mas poucos são aqueles que o fazem como fonte principal, explorando suas potencialidades de análise à luz da produção teórica recente.
- 2 Neste artigo o objeto de investigação são as relações sociais e as sociabilidades (étnicas, familiares, do mundo do trabalho e religiosas), por meio da fotografia de grupo. Portanto, as fotografias aqui analisadas foram selecionadas em função de um tema. Utilizo essa fonte para responder como tais relações foram representadas visualmente, que tipo de imagem se quis transmitir dos grupos imigrantes, as representações visuais que foram elaboradas e que tipo de memória se quis preservar. É certo que a imagem fotográfica, embora aqui seja tratada como fonte histórica principal, não é analisada

isoladamente. Para compreender os significados das imagens, suas representações e os efeitos de sentido que estas causam em seus receptores busco apoio em outras fontes como os dados demográficos, a memória oral e informações de documentos escritos. Tal cruzamento de fontes possibilitou compor um quadro mais amplo das relações sociais tecidas nas comunidades estudadas, bem como compreender significados expressos nas imagens fotográficas que ultrapassam a leitura inicial da imagem. Assim, concordo com os historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad a respeito das imagens. Tem-se claro que *ao historiador, a fotografia lança um grande desafio! Como chegar aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico? Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações cujos elementos -homens e signos- interagem dialeticamente na composição da realidade* (CARDOSO & MAUAD, 2002 : 574). Para captar aspectos que podem estar ocultos na imagem ou que não estão imediatamente visíveis, bem como possíveis significados das representações imagéticas faço uso do saber histórico lateral adquirido nas minhas pesquisas sobre imigração italiana, especialmente no campo da memória e da demografia histórica.

## Fotografia: breves apontamentos teóricos

- 3 A conservação de fragmentos do passado em imagens fotográficas é algo presente nas sociedades humanas a quase duzentos anos. Desde cedo foi utilizada para registrar eventos históricos, pessoas e grupos. No que se refere as migrações históricas a fotografia ocupa um lugar de respeito na conservação de fragmentos do passado. Conforme mencionou Ortoleva (1992 : 2) a fotografia é uma documentação que se pode definir como *de massa*, visto que é algo passível de ser encontrado em vários lugares. Apesar de suas dificuldades de manipulação (são *arquivos difusos*, tem um estatuto ambíguo de comunicação e muitas vezes priva de informações como data, autor, local, nome dos personagens etc..) a fotografia se constitui como uma das fontes mais preciosas para o estudo dos grupos imigrantes pois fornecem testemunhos importantes dos diversos momentos da vida, dos grandes ritos de passagem, das associações étnico-culturais e religiosas, dos encontros familiares e comunitários, do progresso material e econômico. Por ser um objeto fácil de transportar, acumular e conservar as fotografias foram usadas não somente para preservar uma recordação, mas também para comunicar, para sublimar a estabilidade de uma identidade e como um marcador de progresso (ORTOLEVA, 1991 : 2-3).
- 4 O nascimento da fotografia de grupo no Brasil é contemporâneo ao estabelecimento de grande levas de imigrantes europeus no país entre o final do século XIX e as décadas iniciais do XX. É também nesse contexto que ela se populariza como meio de representar as camadas populares. Os álbuns de famílias se difundem e mesmo aquelas pessoas que não tinham condições financeiras de fazê-lo tiravam fotografias avulsas que posteriormente seriam guardadas em suas caixas de lembranças. A fotografia de grupo, portanto, cumpria em primeiro lugar a função de comunicar os parentes e compatriotas a respeito do estado de boa saúde dos imigrantes, mas também como forma de comunicação e de registro da vida na sociedade de adoção (os ritos de passagem, o crescimento da família, as casas, os empreendimentos comerciais, as associações) (VANGELISTA, 2018 : 110). Nessa direção as fotografias adquirem o sentido não apenas de uma imagem/documento, mas também de uma imagem/monumento, na acepção dada por Jacques Le Goff, pois ela tem uma função primordial no processo de

construção da memória que pode ser individual ou coletiva. Assim, a fotografia pode ser compreendida como uma marca material do passado, bem como símbolo que a sociedade estabeleceu para sua perpetuação no futuro. Nessa linha de pensamento, a fotografia pode ser interpretada como mensagem, conforme afirmou Roland Barthes.

- 5 Embora a fotografia possa ser manipulada como vários estudos indicam, inclusive casos de manipulação são conhecidos na história, predomina a crença popular no caráter objetivo da fotografia. A sociedade atribui o estatuto de verdade naquilo que está sendo mostrado. *O documento fotográfico comprova. Uma fotografia é considerada demonstração incontestável que uma dada coisa é efetivamente ocorrida* (SONTAG, 2004 : 5). Imagens de imigrantes em suas propriedades ou em frente as suas casas, nas associações étnicas e religiosas, nos eventos familiares e comunitários se tornaram comuns.
- 6 Para uma análise fotográfica é necessário levar em conta não apenas seu conteúdo, mas também outros de seus elementos constitutivos como o fotógrafo e a tecnologia (KOSSOY, 2014 : 41). O produto final, portanto, é resultado da combinação desses três elementos: o tema selecionado (eventos, paisagens, personagens, cenários), o fotógrafo com suas escolhas e intenções para produzir a fotografia e a tecnologia que o mesmo tem a mão para fazer o registro fotográfico. Nas fotografias sobre os grupos imigrantes, nem sempre é possível identificar esses três elementos, sendo necessário o recurso a outros documentos. Como salientou Ortoleva a fotografias da imigração pode ser encontrada em diversos lugares, em arquivos organizados ou em arquivos difusos. Ademais, deve-se levar em consideração, para além do conteúdo apresentado nas imagens, as prováveis intenções de sua produção, bem como de sua conservação. Nas palavras de Kossoy *toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto do real, em determinado lugar e época* (2014 : 40). Além do autor, do tema e da tecnologia, há que se considerar a questão do consumo das imagens. Ana Maria Mauad destaca a importância de se compreender a competência do leitor ao ler uma imagem. Para a autora, é a competência do leitor que atribui significado à imagem. *Essa compreensão se dá a partir de regras culturais, que fornecem a garantia para que a leitura da imagem não se limite a um sujeito individual, mas que acima de tudo seja coletiva* (MAUAD, 2005 : 142). A ideia de competência do leitor é importante para pensar o poder de mobilização que a imagem produz. Além dos aspectos internos, visíveis na fotografia, também as relações que ele faz com outros textos da mesma época, inclusive de natureza verbal (MAUAD, *ibid*).
- 7 Além dos elementos visíveis e daqueles que estão “por detrás da imagem” cabe destacar como se dá a percepção da imagem fotográfica. Para Pierre Sorlin o regime perceptível refere-se ao *sistema de coordenadas prevalente em qualquer formação social* (SORLIN, 2001 : 10), ou seja, como a imagem influencia o olhar do observador, quais informações ela desperta, mas que não necessariamente emergem dela e sim dos conhecimentos do observador sobre determinado evento, lugar ou tema e que podem se sobrepor ao conteúdo da imagem. Assim, a fotografia desperta em seu leitor diferentes sentimentos: a possibilidade de ver-se a si mesmo, o reconhecimento de si no interior de um grupo ou de um evento, a memória do passado, a comprovação de um fato para outrem. Portanto, a leitura de uma imagem não é autônoma, mas depende daquilo que o observador pretende ler. *Percepção e interpretação são faces de um mesmo processo: o da educação do olhar* afirma Mauad (2005 : 142).
- 8 As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos, na medida em que se busca sistematizar suas informações, estabelecer

metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que as originou (KOSSOY, 2001 : 32). Portanto, por meio de uma análise crítica e sistemática das fotografias dos imigrantes italianos e poloneses e seus descendentes no Paraná, é possível ultrapassar o aspecto meramente ilustrativo do que as imagens informam e compreender uma série de elementos que estão por de trás delas, muitas vezes nas entrelinhas, como o universo social, as relações de poder, os valores étnicos, a religiosidade, as relações de gênero e as hierarquias familiares e sociais. Antes de adentrar na análise das imagens, faço um panorama sintético da presença de italianos e poloneses nos lugares estudados.

## A imigração italiana e polonesa no Paraná no século XIX: breves aspectos históricos

- 9 A vinda de grupos estrangeiros, sobretudo europeus, ao Paraná é ainda anterior ao período que este se desmembra de São Paulo, em 1853. Já nos primeiros anos da jovem província<sup>1</sup> a atração de colonos *morigerados e laboriosos* para a colonização, diversificação da agricultura e ocupação dos chamados *vazios demográficos* era uma constante nos discursos das autoridades. Nesse contexto, a vinda de imigrantes alemães, poloneses, italianos, suíços, espanhóis, franceses, ucranianos entre outros grupos transformou a composição étnica da população paranaense.
- 10 Quando se discute o tema da imigração no Brasil, há que se levar em consideração qual tipo de imigração vigorou: a subvencionada pelo Estado ou a particular. O caso do Paraná é interessante, pois ela oscila entre aquela promovida pelos poderes públicos (federal e estadual) e por iniciativa dos próprios imigrantes (OLIVEIRA, 2009 : 219-220).
- 11 Após algumas tentativas frustradas de criação de colônias no interior, a política imigratória da província se voltou à instalação de imigrantes na capital e seus arredores. O primeiro grupo étnico a se estabelecer em quantidade significativa foram os alemães, a maior parte remigrados da colônia Dona Francisca (atual Joinville, Santa Catarina), por iniciativa própria ou com auxílio da província, que eram atraídos pelas oportunidades geradas pela recém instalação da capital Curitiba (NADALIN, 2001).
- 12 Os poloneses foram o segundo grupo étnico a chegar à província, ainda na década de 1860. Assim como os alemães, os primeiros poloneses são provenientes da remigração das colônias D. Francisca e da colônia Príncipe D. Pedro (atual Brusque), da vizinha província de Santa Catarina e que se instalaram nas colônias de Pilarzinho, Abranches e Mercês (WACHOWICZ, 1974). Nos anos seguintes, atraídos pelos pioneiros e com auxílio do governo provincial, dezenas de novas famílias chegaram ao Paraná formando, além daquelas citadas, também as colônias de Tomás Coelho, Lamenha, Augusto, D. Pedro, Muricy, Santa Cândida, Riviere e Santo Inácio que se localizavam, naquele contexto, em territórios dentro e fora da capital. A maior parte destas colônias foram criadas na administração dos presidentes Agostinho Ermelino de Leão (1870-1875) e Adolpho Lamenha Lins (1875-1877) que dinamizaram a colonização de terrenos com imigrantes camponeses europeus na capital com vistas a criar um verdadeiro “cinturão verde”, de modo a suprir a carência de alimentos, aliás um dos graves problemas enfrentados pela província. Segundo Oliveira, Lins foi o *primeiro presidente de província do Paraná a estabelecer, em termos econômicos e políticos, uma relação positiva entre colonização do território, agricultura e desenvolvimento* (OLIVEIRA, 2009 : 223). Ao final da administração

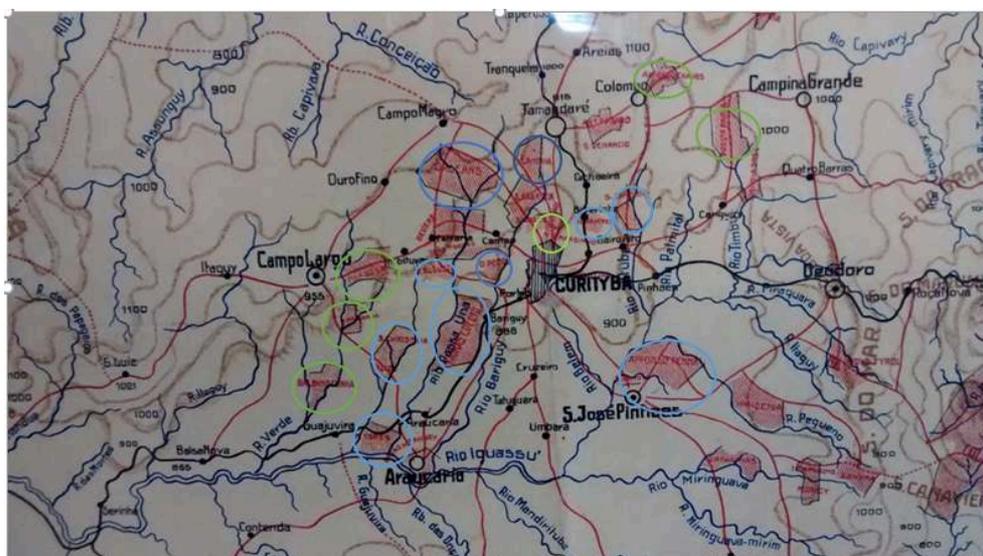
do referido presidente, que durou pouco mais de dois anos, cerca de 6.000 poloneses viviam em Curitiba e arredores (RELATÓRIO, 1877 : 81-85).

- 13 A maior parte dos poloneses instalados em Curitiba e região, nesse contexto, tem origem camponesa, eram predominantemente católicos e migraram em núcleos familiares. Em relação ao lugar de origem, são majoritariamente provenientes da Prússia Ocidental. É importante destacar que no período de maior afluxo de poloneses ao Paraná, a Polônia não existia como estado independente. Estava dividida entre a Alemanha, o Império Austro-Húngaro e o Império Russo o que causa dificuldades ao pesquisador, pois muitos dos imigrantes ao chegarem não eram registrados como poloneses e sim como austríacos, alemães ou russo-alemães.
- 14 No geral, a Prússia e o Império Austro-Húngaro não colocavam obstáculos a emigração, já o mesmo não acontecia com o Império Russo. Dessa forma essa situação impactou também na distribuição dos imigrantes. A maior parte dos imigrantes são oriundos da Prússia Ocidental e da região da Alta Silésia (regiões pertencentes a Alemanha) e em menor quantidade da Galícia (região sob o domínio do Império Austro-Húngaro). Poucos foram aqueles provenientes do Reino da Polônia que estava sob domínio russo (WACHOWICZ, 1974).
- 15 Diferentes pesquisadores que se debruçaram sobre o tema da imigração polonesa para o Paraná (WACHOWICZ, 1974, KERSTEN, 1983, DOUSTDAR, 1990, OBRZUT, 2006 e OLIVEIRA, 2009), apontam como causas da emigração à resistência a dominação estrangeira e a defesa da *polonidade*, a busca por alternativas de sobrevivência enquanto comunidade camponesa face as transformações advindas da industrialização e o desejo dos camponeses poloneses tornarem-se senhores de si, que foi alimentado pelo agenciadores de emigrantes. A vinda dos primeiros grupos, boa parte por iniciativa própria, acabou por criar uma cadeia migratória que alimentou o fluxo de poloneses para o Paraná. Até o fim da monarquia brasileira, em 1889, contabilizou-se cerca de 7000 imigrantes na província do Paraná, número esse que se multiplicaria nas duas décadas seguintes, com o processo de interiorização da imigração, ou seja, a criação de colônias no interior do Estado (OLIVEIRA, 2009 : 224-225)<sup>2</sup>.
- 16 Conjuntamente aos poloneses, a imigração italiana também adquiriu cifras significativas na província nas décadas de 1870 e 1880. A presença italiana em massa tem início em 1875. Antes dessa data há registros de alguns, mas eram poucos e diluídos entre os outros grupos, como aqueles que integravam a colônia Assungui, fundada em 1860 e pertencente ao atual município de Cerro Azul. Conforme o historiador paranaense Romário Martins (1941), o *rush italiano* ocorreu entre os anos de 1875 e 1878, quando entraram na província 4.350 pessoas. O projeto inicial das autoridades provinciais era criar uma rede de colônias no litoral paranaense, tanto que este chegou a ser implementado, originando as colônias de Alexandra e Nova Itália, mas que acabou por se transformar em um verdadeiro desastre. As cidades escolhidas: Morretes, Antonina e Paranaguá não apresentavam condições propícias para o desenvolvimento dos colonos, ao contrário, a insalubridade do clima, a falta de conhecimento e orientação para superar as moléstias tropicais e as pragas da lavoura, a ausência de mercados consumidores e a ambição de agenciadores de imigrantes, acabaram por fracassar esta primeira experiência.
- 17 Diante dessa experiência malsucedida, optou-se pela imigração em Curitiba e arredores, que já contava com uma boa estrutura para o desenvolvimento das colônias. Entre os anos de 1877 e 1889, cerca de 8500 imigrantes entrados na província paranaense foram

instalados ou nas colônias já existentes como Órleans, Riviere, Pilarzinho, Antônio Prado, Argelina junto a outros grupos, ou em colônias (governamentais ou particulares) criadas especificamente para atendê-los, tais como: Antônio Rebouças, Santa Felicidade, Rondinha, Alfredo Chaves, Balbino Cunha, D. Mariana, Santa Gabriela e Novo Tirol.

- 18 Assim como os poloneses, os imigrantes italianos que se instalaram nas referidas colônias têm origem camponesa, atendendo às expectativas das elites paranaenses que almejavam colonos *morigerados e laboriosos*. São oriundos majoritariamente do Norte da Itália, sobretudo da região do Vêneto. Tais dados podem ser obtidos a partir da informação dos registros de matrimônio, como atestam as pesquisas sobre as colônias de Santa Felicidade, Rondinha, Antonio Rebouças, Balbino Cunha, D. Mariana e Alfredo Chaves que indicam que a maior parte são oriundos das províncias de Treviso, Vicenza e Padova (BALHANA, 1978, MACHIOSKI, 2004, SCARPIM, 2010). Aliás, o Brasil (sobretudo os três estados do Sul) foi a meta privilegiada dos vênnetos que partiram da Itália entre 1876 e 1901 (FRANZINA, 1976 : 84).
- 19 No mapa a seguir, pode-se visualizar a localização de colônias italianas e polonesas em torno da capital paranaense.

Figura 1: Mapa da distribuição de colônias em Curitiba e região



Fonte: Mappa da Zona colonizada do Estado do Paraná organizado pelo Engenheiro Dr. Ferreira Correia, 1927. Arquivo Público do Paraná. M110/Gav. F. Em verde colônias formadas majoritariamente por imigrantes italianos e em azul por poloneses.

- 20 De acordo com os especialistas em emigração italiana, as causas principais que levaram muitas pessoas a partir são múltiplas, tais como: a explosão demográfica aliada à miséria, desastres naturais, epidemias, crises agrícolas, baixos salários, má distribuição da propriedade, as oscilações dos preços dos alimentos e também a concretização de empreendimentos que almejavam a conquista da tão sonhada propriedade. Aqui, observa-se muitas semelhanças com o caso dos poloneses, porém em termos numéricos, a emigração italiana para fora da Europa é muito maior.
- 21 Além dos fatores de expulsão, temos que levar em consideração também os fatores de atração: atuação de sociedades de imigração, o apelo daqueles que já tinham se estabelecido na América e os incentivos dos governos americanos. Também deve ser considerada, em ambos os casos, o desejo de poder reconstruir, na América, uma

sociedade que estava se despedaçando em função do avanço da industrialização, da dominação estrangeira (caso polonês) e da criação dos Estados Nacionais (caso italiano). A emigração, portanto, representaria uma forma de sobrevivência de um determinado *ethos* camponês, da manutenção das tradições, do modo de vida e principalmente evitar a fragmentação da família.

- 22 Ao migrar para a nova terra, imigrantes italianos e poloneses passam a reorganizar suas vidas com base nas referências da terra ancestral. Nesse processo, alguns elementos tiveram fundamental importância no processo de reorganização das comunidades, bem como na reelaboração de um sentimento de pertencimento grupal, de um nós frente aos outros. Em um primeiro momento, foram eles: a língua, o trabalho, a família e a religião, e em um segundo momento, a escola, as associações culturais e religiosas e a criação de uma imprensa na língua materna. Focarei, principalmente, nos aspectos relacionados às relações familiares e religiosas pois estes são os principais aspectos explorados nas fotografias.

## Sociabilidades familiares e religiosas por meio da fotografia de grupo

- 23 Como disse anteriormente, poloneses e italianos emigraram, em sua maioria, em núcleos familiares. Entretanto, tais famílias não eram compostas apenas por famílias nucleares, ou seja, casais com seus respectivos filhos, mas por uma diversidade de arranjos que podia incluir a presença dos avós, de irmãos solteiros, sobrinhos, tios e, até mesmo, primos. Portanto, a noção de família dos pioneiros, traduzia-se em uma concepção alargada que escapa ao conceito clássico de família nuclear.
- 24 A família, nos seus mais variados aspectos, acabou por se constituir no elemento básico no processo de organização social, cultural e religiosa dos núcleos coloniais no Sul do Brasil. Aliás, a família é um tema constante na fotografia de grupo dos imigrantes e seus descendentes conforme será desenvolvido a seguir.
- 25 A unidade familiar não foi rompida com a emigração, ao contrário, os vínculos familiares – os matrimônios, as relações de compadrio – foram reorganizados com base na pertença étnica. Entretanto, a experiência migratória acabou por transformar os comportamentos demográficos. Na Itália, especialmente na região do Vêneto, no contexto da grande emigração, havia uma tendência a uma idade mais elevada ao casar, tanto para moças como para rapazes (25 e 28 anos respectivamente), o que implicava em redução da taxa de fecundidade (número de filhos por casal) (BARBAGLI & KERTZER, 1990, RETTAROLI, 1990, VIAZZO & ALBERA, 1990). Tal situação se relacionava a uma série de fatores: dificuldades financeiras, a vulnerabilidade do mercado de trabalho, a precariedade do acesso à terra e o sistema de transmissão de herança dos pequenos proprietários, no qual só um filho herdava a propriedade. No caso polonês<sup>3</sup>, estudos mostram que a fecundidade era maior se comparada aos vênnetos, entretanto predominavam famílias extensas vivendo em domicílios complexos (propriedades não individualizadas com três gerações vivendo sob o mesmo teto) com estímulo, por parte da nobreza, para que houvesse maior disponibilidade de mão de obra (CHAYANOV, KULA *in* ANDREAZZA, 1996 : 190-191).
- 26 Com a emigração, a equação terra/demografia foi alterada, ou melhor, inverteu-se. Essa situação ocorreu tanto para italianos como poloneses, mas sobretudo para os primeiros.

Se na sociedade emissora, por diferentes motivos, o casamento era adiado, na sociedade receptora ocorria o contrário. Com a grande disponibilidade de terras e a facilidade para adquiri-las (especialmente dos homens casados sobre os solteiros), associada à influência religiosa (discurso pró-natalista da Igreja Católica) e a necessidade do aumento de braços para o trabalho familiar, o casamento passou a ocorrer mais cedo<sup>4</sup> e consequentemente as taxas de fecundidade (número de filhos por casal) aumentaram<sup>5</sup>.

- 27 Entre italianos e poloneses as primeiras gerações foram marcadas por altas taxas de fecundidade. Famílias numerosas eram comumente encontradas nas áreas de imigração italiana no Sul do Brasil. Conforme apontam os estudos demográficos (BALHANA, 1978, SCARPIM, 2010, WACHOWICZ, 1974 entre outros) e a própria memória coletiva, o número elevado de filhos era fato corriqueiro. Segundo o descendente de imigrante italiano J.S. *Tive doze só de irmão, depois tinha mais. E minha mãe morreu com trinta e seis anos e deixou doze filhos. Morreu bem moça [...] Todos eles, o que tinha menos era oito, dez. Tinha família que tinha dezesseis. Uma tinha vinte e dois [...] Depois meu pai casou de novo e teve mais seis ou sete, só que vivo sobraram apenas dois* (J.S. ENTREVISTA : 2014).
- 28 Em se tratando de comunidades camponesas, as altas taxas de natalidade se relacionavam, sem dúvida, à necessidade de mão de obra no campo, mas também revelam aspectos simbólicos subjacentes à ideia de uma família grande, que extrapolam o aspecto puramente material. As fotografias a seguir sugerem algo nesse sentido.

1. Família de descendentes de imigrantes italianos, Colombo



Fonte: Fotografia FF24. Série Família e Festa. Fundo Luigi Franceschi. Colombo. Arquivo Público do Paraná. S/D

- 29 A fotografia mostrada, feita pelo imigrante italiano Luigi Franceschi, no município de Colombo, focaliza o tema da família numerosa, mais especificamente, o número elevado de filhos, aliás, uma característica comum nas áreas de imigração italiana e polonesa. Este tipo de fotografia, possivelmente é o espelho da própria família do fotógrafo. Franceschi que emigrou de Pergine Valsugana, comuna da região do Trentino-Alto Adige, província de Trento, norte da Itália, em 1882 com 6 anos de idade, junto a sua mãe e seus três irmãos, se casou em meados do século XX e teve 15 filhos. Em suas

fotografias o tema da família é algo comum. No caso da fotografia acima, 11 filhos. Seja por escolha do fotógrafo ou da família (mais provável a primeira opção) há uma tendência de valorização das famílias numerosas nesse tipo de fotografia.

- 30 Observando a imagem, percebe-se que o fotógrafo compôs um cenário. O plano de fundo é artificial, provavelmente, um painel disposto à frente de uma casa, da qual não sabemos se era a moradia da família ou do fotógrafo, que também vivia na colônia. Entretanto o que mais chama atenção é a disposição dos personagens da foto. Aqui, a ideia passada é a de retratar os filhos em ordem decrescente, da direita para a esquerda, a famosa “escadinha”, característico das famílias camponesas imigrantes. Observa-se que, na foto, a moça mais velha está sob uma pedra como se fosse um degrau para representar sua condição de primogênita e equilibrar a pose escolhida pelo fotógrafo (relação entre altura e idade). Nota-se, ainda, um adendo à fotografia, visto que, a última criança foi acrescentada por meio de uma bricolagem. Talvez, a sua ausência indique um membro falecido da família. O desejo de inseri-lo na fotografia pode ter partido da própria família ou do fotógrafo, com o intuito de não deixar a representação dos filhos incompleta no registro<sup>6</sup>.
- 31 A parte esse detalhe, observa-se como as pessoas estão trajadas. Provavelmente escolheram seus melhores trajes para posar para a fotografia, aspecto comum na fotografia de grupo feita por este fotógrafo e por outros. Aliás, quem nunca ouviu falar da famosa expressão *domingueira* ou roupa de ir à missa, que se usava em ocasiões especiais e que se cuidava para “não gastar”, juntamente com os sapatos, igualmente usados nesses acontecimentos. *A roupa da missa, a domingueira era uma só, e se lavava uma vez por ano, mais também não se sujava mesmo* (CEQUINEL et al, 2006 : 178).
- 32 Por meio das fotografias tiradas por Luigi Franceschi e associando aos dados demográficos sobre a fecundidade, é possível problematizar como determinados traços, tipicamente camponeses, são reiterados na imagem fotográfica. Para além da ampliação da capacidade produtiva de uma unidade familiar, bem como do desenvolvimento da propriedade com mais braços para o trabalho, a família numerosa também pode ser pensada como motivo de orgulho e status. Conforme destacou Sérgio O. Nadalin (2001 : 192) sobre os imigrantes alemães, mas que é possível ampliar para outros grupos europeus de origem camponesa, *este status se harmonizava com uma tradição de masculinidade que se revelava no direito a uma esposa fértil – isto era tudo o que um homem podia desejar, sua satisfação, honra e riqueza. Na outra face da moeda, a feminilidade tradicional, camponesa, harmonizava-se com a fertilidade da mulher*.
- 33 Além das características destacadas, a fotografia a seguir traz outros elementos típicos das comunidades imigrantes.
2. Família de descendentes de imigrantes italianos, Colombo



Fonte: Fotografia FF71. Série Família e Festa. Fundo Luigi Franceschi. Colombo. Arquivo Público do Paraná. S/D

- 34 Nesta fotografia, embora esteja danificada, ao contrário da anterior, vemos também a presença dos pais. Aqui, percebemos claramente a ideia da família numerosa, representada pelo fotógrafo. A disposição dos filhos em ordem decrescente com o casal por de trás, cria uma ideia bastante harmônica da família. O plano de fundo, que representa possivelmente uma plantação, sugere a vinculação da família numerosa com o ambiente agrário. Nesta fotografia, dois elementos chamam atenção: as duas moças trajadas com as mesmas roupas, indicando que são provavelmente gêmeas e o menino trajado com roupas eclesiásticas, indicando o seguimento da carreira religiosa.
- 35 As áreas de colonização alemã, italiana e polonesa no Sul do Brasil se constituíram em verdadeiros celeiros de vocações religiosas. Foram estas comunidades que forneciam os maiores contingentes de vocações religiosas do país (SEYFERTH, 1990). Diferentes estudos (SILVA, 2001, SEIDHL, 2003, SCARPIM, 2017) têm mostrado que a vida religiosa era atrativa para muitos jovens devido ao status e ao prestígio que os clérigos possuíam nas comunidades imigrantes. Para os jovens, além do status, essa condição representava uma possibilidade de ascensão por meio dos estudos e, até mesmo, de se livrar dos duros trabalhos do campo. Para as famílias, ter um filho clérigo, também era motivo de orgulho, *enviar um filho ao seminário/convento representaria indícios do sucesso de uma educação familiar ancorada em princípios religiosos e valores morais que espelharia qual era o ideal de família católica a ser seguido* (SCARPIM, 2017 : 272).
- 36 Entre os poloneses, a família numerosa também é uma marca característica. Embora não tenha sido localizadas fotografias semelhantes àquelas feitas pelo fotógrafo Franceschi – o que reforça a tese de que esta era uma marca pessoal do fotógrafo – observa-se a presença de pessoas de diferentes gerações, inclusive de muitas crianças.
3. Casa da família Zuckow, colônia Thomas Coelho, 1912



Fonte: Arquivo Histórico de Araucária, Pasta Imigração polonesa.

- 37 Nesta fotografia, cujo autor é desconhecido, observa-se a opção pelo enquadramento das pessoas à frente da casa. As crianças sentadas à frente ou nos braços das mulheres evidencia um cuidado para que todas elas fossem mostradas. Da esquerda para a direita, visualiza-se, provavelmente, o casal pioneiro, na sequência quatro casais, em que todas as mulheres seguram em seus braços crianças pequenas, alternados por três pessoas sozinhas (provavelmente filhos solteiros). Além disso, visualiza-se características do mundo rural das colônias imigrantes: a casa de madeira feita a partir das araucárias que é possível percebê-las ao fundo, o modelo arquitetônico da mesma, tipicamente do meio colonial polonês, além de outras benfeitorias como cercas e um estábulo ou galinheiro ao fundo da imagem. Aqui, visualiza-se elementos que indicam a ideia de prosperidade, a partir do trabalho. Adquirir uma propriedade e viver nela, manter uma família numerosa, educada nos princípios morais católicos e prosperar, graças ao trabalho, era uma meta a ser atingida por muitos camponeses, quando optaram ou foram constringidos a emigrar. A imagem a seguir, apresenta características bastante semelhantes, mas refere-se a descendentes de imigrantes italianos. Aqui, pode-se notar

muitas semelhanças, não só em relação ao tipo de moradia, mas principalmente à ideia de representação de família.

4. Família de descendentes de imigrantes italianos, Campo Largo-PR, década de 1930



Fonte: Arquivo particular (Fotografia cedida pela família Stocco)

- 38 Esta fotografia apresenta elementos em comum com a anterior, como o enquadramento da família em frente à casa, as crianças posicionadas à frente e os personagens todos bem trajados. A fotografia sugere uma família mais próspera. O pai é o segundo homem da esquerda para a direita e a mãe a mulher que está de mãos dadas com duas meninas. Os demais são todos filhos do casal. Segundo relato de um dos seus filhos, entrevistado em 2014, a mãe faleceu aos trinta e seis anos deixando doze filhos. Após o falecimento da mãe, o pai casou-se novamente e teve ainda outros filhos (J.S. Entrevista, 2014).
- 39 Além das imagens de famílias, outro tema bastante presente nas áreas de imigração italiana e polonesa no Paraná é o trabalho. O valor do trabalho do imigrante era algo que já estava no discurso das elites em defesa da imigração. À medida que os imigrantes vão se instalando e prosperando economicamente, também vão incorporando esse discurso de superioridade em relação aos caboclos ou à população de origem luso-brasileira. Aliás, o trabalho foi um dos signos elevados à condição de *sinais diacríticos* (BARTH, 1998 : 190) no processo de construção identitária. Nas fotografias, o tema do trabalho também não passou despercebido, como podemos observar na fotografia a seguir.

5. Malhação de centeio mecanizado, no Instituto São Vicente (1935), colônia Thomas Coelho.



Fonte: Família Estefano Jablonski, Arquivo Histórico de Araucária, Pasta Imigração polonesa

- 40 Nesta fotografia, observamos a importância da pose e do cenário. Moças seguram feixes de centeio denotando expressão de felicidade, rapazes seguram garrafas de bebidas e copos em sinal de comemoração à colheita e, principalmente, à mecanização que reduziria, em muito, o trabalho na lavoura. O rapaz que segura a enxada e a moça o rastelo, também podem simbolizar a relação entre tradição versus progresso, o velho versus o novo. Não seriam instrumentos mais tão necessários ao beneficiamento do centeio, ao contrário, seriam, a partir dali, menos utilizados nessa tarefa, porém trazem uma vinculação direta ao mundo do trabalho agrícola.
- 41 O trabalho comunitário era algo comum nas colônias de imigrantes. Recorrer aos vizinhos, parentes e amigos para a realização de trabalhos agrícolas em sistema de mutirões ou troca de dias, facilitavam aquelas tarefas que precisavam ser concluídas em menos tempo, como a colheita, bem como em ocasiões de doença ou na iminência de alterações climáticas (chuvas, secas, pragas da lavoura). Na fotografia, nota-se a presença, em sua quase totalidade, de jovens. Remetem a elementos importantes para o progresso no mundo rural tais como força, vitalidade, vontade, disposição e saúde. Os trabalhos coletivos eram oportunidades para uma maior aproximação entre os jovens. Além dos espaços paroquiais, os mutirões também poderiam ser ocasiões para o início dos namoros.
- 42 Ao fundo da fotografia, percebe-se a presença das freiras que, também parecem estar comemorando a colheita. Esta foto foi feita em frente ao Instituto São Vicente, instituição criada junto à paróquia de São Miguel, na colônia de Thomas Coelho e que, durante muito tempo, cuidou também da educação dos colonos poloneses.
- 43 A paróquia era o centro das colônias imigrantes, mais que um espaço para a satisfação das necessidades espirituais, ela funcionava como meio de coesão social, espaço de intensa sociabilidade e a referência indispensável ao grupo. Nas sociedades de origem

dos imigrantes, o pertencimento a um lugar era identificado pela paróquia. Por isso, quando da chegada na sociedade receptora, eles trataram logo de construir suas igrejas com arquitetura inspirada no modelo ancestral. Assim, a igreja, a torre, o cemitério, o salão paroquial, a escola, os seminários e conventos constituíam-se como elementos de reconstrução da espacialidade da terra deixada para trás, além de constituírem-se em elementos pedagógicos da memória.

- 44 No seu estabelecimento, no Paraná, poloneses e italianos reivindicaram padres das suas nacionalidades, de modo a atendê-los em sua língua de origem, com seus ritos e crenças. Em um primeiro momento, foram criadas capelanias curadas<sup>7</sup> para ambos os grupos (1875 e 1888), cujo atendimento se deu por meio de congregações religiosas, específicas. Igrejas foram levantadas, padres foram chamados e associações culturais e religiosas iniciadas. O lazer, as sociabilidades e a própria identidade foram sendo reconstruídas em torno dos espaços eclesiais.
- 45 Os elementos materiais que formavam a capela ou paróquia e seus anexos eram construídos por meio de muitas mãos, do esforço, da união e do trabalho de toda a comunidade e exibido com muito orgulho e satisfação, como pode-se observar na fotografia a seguir:

6. Construção igreja de Nossa Senhora da Saúde, Colônia Presidente Faria (Colombo, 1925).



Fonte: Fotografia RL52. Série Religião. Fundo Luigi Franceschi. Colombo. Arquivo Público do Paraná. S/D

- 46 Esta fotografia apresenta elementos bastante interessantes que podem ser explorados. Percebe-se que os personagens não estão em um dia de trabalho da construção, ao contrário, a diversidade de pessoas (homens e mulheres, adultos e crianças) em seus trajes domingueiros, inclusive parte delas sugerindo seu pertencimento a associações religiosas e o destaque para o padre, possibilita pensar que tal fotografia foi realizada após uma celebração religiosa. O enquadramento das pessoas, à frente da igreja em construção, sugere sua imediata vinculação. O que se quis preservar por meio desse

fragmento, provavelmente, é uma possível mensagem carregada de positividade. A fé, a família, o trabalho comunitário, a cooperação, a solidariedade e o associativismo eram ingredientes fundamentais para a existência de uma comunidade harmônica, unida, devota, com vistas ao progresso do lugar. Os espaços paroquiais eram construídos pela e para a comunidade.

- 47 A fotografia a seguir, embora não se trate da mesma construção, transmite mensagem similar.

7. Inauguração da torre da paróquia de São Sebastião, Campo Largo (1934)



Fonte: Álbum fotográfico da paróquia de São Sebastião, Campo Largo - PR. Acervo da paróquia.

- 48 A inauguração da igreja, que viria a se transformar em sede paroquial contou com a presença de diversas autoridades eclesiais e civis, bem como momento de grande participação popular. Foi um grande acontecimento para a comunidade. Percebe-se aqui que as intenções do fotógrafo foi retratar a grandiosidade da torre recém-inaugurada. As pessoas tornam-se quase um detalhe. Entretanto, analisando mais de perto, observa-se as semelhanças com a fotografia anterior, embora tratem-se de duas comunidades distintas. Se naquela fotografia anterior buscava-se salientar a ideia de união do trabalho da comunidade para a construção do edifício, nesta, tem-se o resultado final, o desfecho dos esforços e trabalhos coletivos que deveria ser contemplado e eternizado na fotografia com imenso orgulho e satisfação. Conforme anotou o padre Giovanni Morelli no Boletim, da Congregação Scalabriniana, *Vedeste che bello, snello, elegante e...alto... Sembra il campanile di S. Marco. Bagna il naso a tutti i campanili del Paraná, quel di S. Felicidade compreso*<sup>8</sup> (L'EMIGRATO ITALIANO, 1934).

## Para concluir

- 49 As fotografias são fontes preciosas para o conhecimento do passado, porque nos oferecem testemunhos do vivido, congelam fragmentos do espaço e tempo, despertam emoções, revelam escolhas, acionam memórias. Entretanto, elas, isoladamente, não respondem a todas as nossas perguntas. Cabe ao historiador, problematizá-las, inseri-las em um contexto e dar um sentido diferente àquele dado por aqueles que as possuem ou simplesmente as apreciam. Ao analisar comparativamente as fotografias de imigrantes poloneses e italianos, percebe-se muitos elementos em comum que revelam a permanência de características herdadas de uma matriz camponesa-católica europeia, evidentemente, transformada em função da experiência imigratória.
- 50 Embora a mudança de local tenha provocado um profundo corte na trajetória dos grupos emigrados, muitos elementos presentes no arcabouço cultural e simbólico foram transportados e reelaborados. A família, o trabalho e a religião foram, sem dúvida, dentre aqueles, mais importantes no processo de reorganização das comunidades imigrantes e são representadas com grande carga de positividade. O processo de recriação de uma paisagem parecida com a terra de partida, exigia fé, esforço, união, cooperação, solidariedade e muito trabalho. A família, entendida com o embrião social, a *célula-mater*, era considerada primordial. Se na sociedade ancestral havia obstáculos ao seu crescimento, na sociedade receptora, não mais. Essa família numerosa, pensada no mundo camponês como sinal de crescimento e de prosperidade, seria reorganizada e educada com base nos princípios religiosos católicos, mantendo um elo com a pátria-mãe. Assim, unidades familiares que trabalham unidas entre si e para com a comunidade preservariam elementos característicos do mundo original e garantiriam, assim, a preservação de ritos, tradições, crenças e imaginários, oriundos de um mundo camponês.
- 

## BIBLIOGRAPHY

ALBUM FOTOGRÁFICO PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO, Rondinha, Campo Largo -PR.

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana (1895-1995)*. Curitiba, Aos quatro ventos, 1999.

ARQUIVO HISTÓRICO DE ARAUCÁRIA. Fotografias da Imigração polonesa.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Fotografias Série Família e religião do Fundo Luigi Franceschi.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Mappa da Zona colonizada do Estado do Paraná organizado pelo Engenheiro Dr. Ferreira Correia, 1927. M110/Gav. F.

BALHANA PILATTI, Altiva. *Famílias coloniais: fecundidade e descendência*. Curitiba, A. Cavalcanti, 1978.

BALHANA PILATTI, Altiva. Nupcialidade e fecundidade. In. WESTPHALEN, Maria Cecília (org.). *Un mazolino di Fiori*. Vol. II. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

- BARTH, Frederik. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In. POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, UNESP, 1997.
- BOLLETINO L'EMIGRATO ITALIANO, Tomo 1930-34. Centro Scalabriniano di Roma.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CEQUINEL, Valdemar et ale. *Rondinha 100 anos de história e fé*. Campo Largo, 2006.
- DOUSTDAR, Neda Mohtadi. *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito*. Curitiba: UFPR, 1990 (Mestrado em História).
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeler. Campinas, Papirus, 1993.
- ENTREVISTA com J.S. em 30/07/2014.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o exodo dos camponeses italianos do Vêneto (1876-1902)*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.
- KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *O colono-polaco: a recriação do camponês sob o capital*. Curitiba, UFPR, 1983 (Mestrado em História).
- KOSSOY, Bóris. *Fotografia e História*. 5.ed. rev. São Paulo, Ateliê Editorial, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- MACHIOSKI, Fábio. A preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano, Curato de Colombo 1888-1910. Curitiba, UFPR, 2004 (Monografia de bacharelado em História).
- MARTINS, Romário. *Quanto somos e quem somos*. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 1941.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.13, n.1, 2005.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *Imigrantes de origem germânica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade*. Curitiba, Editora Aos Quatro ventos, 2001.
- OBRZUT, Luciane Czelusniak. A colônia polonesa de Thomaz Coelho: a interface entre tradição e progresso. Curitiba, UFPR, 2006. (Monografia de bacharelado em História).
- OLIVEIRA, Marcio de. Origens do Brasil Meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná (1871-1914). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 218-237.
- ORTOLEVA, Pepino. Uma fonte difficile: La fotografia e la storia dell'emigrazione. *Altretalia*, n.5, Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, Abril 1991.
- SCARPIM, Fábio Augusto. *Bens simbólicos em laços de pertencimento: família, religiosidade e identidade étnica em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1878-1937)*. Curitiba, UFPR, 2010. (Mestrado em História)
- SCARPIM, Fábio Augusto. *O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1937-1965)*. Curitiba, UFPR, 2017.(Doutorado em História).
- SEIDL, Ernest. *A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UFRGS, 2003. (Doutorado em Ciências Sociais).
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília, Editora da UnB, 1990.

SILVA, Marilda R.G. Checcuci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Blumenau, Edifurb, 2001.

SONTAG, Susan. *Sulla fotografia: realtà e imagine nella mostra società*. Trad. Ettore Capriolo. Torino, Giulio Einaudi Editore, 2004.

SORLIN, Pierre. *I figli di Nadar: un secolo dell'immagine analógica*. Trad. Sergio Arecco. Torino, Giulio Einaudi Editore, 2001.

VANGELISTA, Chiara. *Scatti sugli indios: ricerche di storia visiva*. Canterano, Aracne Editrice, 2018.

WACHOWICZ, Ruy. *Abranches: paróquia de imigração polonesa. Um estudo de história demográfica*. Curitiba, UFPR, 1974. (Mestrado em História).

## ENDNOTES

1. Utilizamos o termo província para tratar do Paraná até o fim da monarquia brasileira em 1889 e posteriormente, com a adoção do sistema republicano, as mesmas passam a ser designadas como estados.

2. É importante destacar que o maior fluxo da imigração polonesa no Paraná ocorre no período de 1890 a 1914 quando o Estado recebe 35.116 poloneses, ou seja, mais de 1/3 dos 96.116 imigrantes que desembarcaram pelo porto do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2009: p. 224). Neste artigo focalizamos o período 1870-1889, pois a maioria dos imigrantes que chegaram nesse momento foram alocados nas colônias de Curitiba e arredores, ao passo que, aqueles que chegaram no período posterior, em sua maioria, foram alocados em colônias distantes da capital.

3. Os padrões europeus de matrimônio são o tema de um artigo de Hajnal publicado em 1965. As principais características do modelo dito europeu seria o matrimônio tardio, tanto nos homens como nas mulheres, e um alto grau de celibato, características que, no aspecto demográfico, estão associadas a taxas brutas relativamente baixas de natalidade e também, embora com menos segurança, de mortalidade. O aparecimento desse padrão teria se dado a partir do século XVI associado ao desenvolvimento do capitalismo e do protestantismo. Entretanto, nem toda a Europa possa ser incluído dentro desse modelo que se refere, principalmente, à Cristandade latina. O leste europeu seria caracterizado por idade precoce ao casar e baixos índices de celibato definitivo (HAJNAL, 1965).

4. Média da idade ao casar de 21,53 anos para as mulheres e 24,50 para os homens entre aqueles que se casaram entre 1888 e 1959 na comunidade italiana de Santa Felicidade em Curitiba (BALHANA, 1978), de 19,70 e 22,50 para moças e rapazes respectivamente que se casaram entre 1878 e 1920 na paróquia italiana de São Sebastião, em Campo Largo (SCARPIM, 2010) e de 22 e 25 anos para moças e rapazes na paróquia polonesa de Santo Antônio de Órleans, em Curitiba.

5. A média de filhos foi calculada em 9,9, em Santa Felicidade (BALHANA, 1978) para os casais que realizaram seu enlace matrimonial entre 1889 e 1909 e 9,2, em Rondinha para os casais que realizaram suas núpcias entre 1888 e 1920 (SCARPIM, 2010). Em relação aos poloneses, na ausência de cálculos sobre a taxa de fecundidade temos os estudos de ANDREAZZA (1995) que calculou em torno de 8 a 9 filhos para os casamentos realizados entre 1895 e 1949 entre os ucranianos rutenos.

6. Em pesquisa sobre as práticas de transmissão de nomes de batismo (SCARPIM, 2010), notei a recorrência em atribuir o nome da criança falecida ao neonato que nascia na sequência. Associando a fotografia com os vestígios paroquiais, parecem que estas confluem para uma prática comum, herdada das sociedades camponesas, ou seja, a

manutenção de tradições como sinônimo de pertencimento, um signo cultural que lembrava os membros falecidos da linhagem e que não deveriam ser esquecidos.

7. As capelarias curadas nada mais foram do que “paróquias étnicas” criadas na Vigararia Geral Forense de Curitiba (Curitiba só tornou diocese em 1892). Segundo Ruy Wachowicz (1974: p.5-6), a Capelania polonesa foi criada a partir da solicitação dos imigrantes estabelecidos na Colônia Abranches, ao bispado de São Paulo. Assim foi providenciada vinda do primeiro capelão polonês. Já no caso italiano, esta foi criada a partir das solicitações do sacerdote escalabriniano, Pietro Colbacchini, em 1888, para regularizar o atendimento religioso aos imigrantes italianos que se encontravam em diferentes colônias em Curitiba e arredores (SCARPIM, 2017: p. 162-163).

8. Vejam que belo, majestoso, elegante... e alto... Parece o campanário de São Marco. Faz inveja a todos os campanários do Paraná, inclusive o de Santa Felicidade. Tradução do autor.

## ABSTRACTS

Este artigo aborda o uso da fotografia de grupo como fonte histórica para compreender as relações sociais, as representações e os discursos sobre a vida familiar e comunitária de imigrantes italianos e poloneses e seus descendentes no Paraná, mais precisamente nas colônias das cidades de Araucária, Campo Largo, Curitiba e Colombo, entre as décadas de 1910 e 1950. O escopo de análise se dará a partir de fotografias produzidas no âmbito familiar e comunitário, ou seja, fotografias que retratam momentos específicos da vida social de imigrantes e descendentes. Para isso foram selecionadas fotografias que têm como tema as relações familiares e sociais. Além destas trazerem fragmentos de imagens dos ambientes onde foram feitas: as casas (no seu interior e exterior), o mundo do trabalho, a paróquia, a comunidade entre outros. Pretende-se fazer uma análise comparativa entre os dois grupos étnicos, de modo a identificar semelhanças e especificidades já que os imigrantes poloneses e italianos eram vizinhos de colônia ou chegaram a dividir o mesmo espaço. Também, apresentam características comuns: emigraram em famílias para se dedicar à agricultura na sociedade receptora no mesmo contexto histórico (final do século XIX), foram instalados em colônias rurais, eram católicos portadores de práticas religiosas específicas e se organizaram em torno de comunidades étnico-religiosas com base em referências culturais e simbólicas da sociedade ancestral.

Cet article aborde l'utilisation de la photographie de groupe comme source historique pour comprendre les relations sociales et représentations de la vie familiale et au sein de la communauté des immigrants italiens et polonais et de leurs descendants au Paraná, en particulier, des colonies des villes comme Araucária, Campo Largo, Curitiba et Colombo entre 1910 et 1950. Ce sont des photos représentant la vie familiale et sociale dans les communautés d'immigrants et leurs descendants. Une sélection de photos de la vie quotidienne des relations familiales et sociales de ces deux communautés d'immigrants c'est-à-dire les italiens et les polonais a été réalisée. Ces photos illustrent également les ambiances dans lesquelles elles ont été prises: les maisons (à l'intérieur et à l'extérieur), le monde du travail, la paroisse, les communautés, entre autres. On fait des comparaisons entre les deux groupes ethniques sur leurs coutumes et les caractéristiques puisque ces immigrants italiens et polonais étaient des colonies voisines ou ont partagé le même territoire. Ils ont également des caractéristiques en commun: ils sont venus avec leurs familles pour travailler dans l'agriculture au Brésil surtout au Paraná à la fin du 19 siècle. Ils ont été installés en colonies agricoles, ils étaient catholiques pratiquants, organisés autour de communautés ethniques et religieuses ayant pour base les références culturelles et symboliques de la société ancestrale.

## INDEX

**Mots-clés:** immigration italienne, immigration polonaise, photographie, famille, religiosité, Paraná.

**Palavras-chave:** imigração italiana, imigração polonesa, fotografia, família, religiosidade, Paraná

## AUTHOR

**FÁBIO AUGUSTO SCARPIM**

Centro Universitário Campos de Andrade – Curitiba, Paraná, Brasil